

A REPERCUSSÃO DE “*O SEGUNDO SEXO*” NO BRASIL

Laise Pereira da Silva

UPE – FFPNM

[laisepereiradasilva@hotmail.com](mailto:laisepereiradasilva@hotmail.com)

Alberon de Lemos Gomes

UPE – FFPNM

[alberonlemos@yahoo.com.br](mailto:alberonlemos@yahoo.com.br)

Ao publicar *O Segundo Sexo* em 1949, na França, Simone de Beauvoir não lançou somente uma obra feminista, ou uma história das mulheres. O livro na verdade é um debate sobre a situação da mulher em todas as dimensões: a sexual, a psicológica, a social e a política. Ao tratar de todos esses assuntos, Beauvoir propõe caminhos que levariam não apenas a mulher à libertação, mas também ao homem.

Esse trabalho se dedica ao estudo da influência de Beauvoir e sua obra *O Segundo Sexo*, no Brasil, portanto, apresenta um panorama, ainda que breve, da repercussão deste livro em nosso país. E foi construído a partir da análise das obras mais importantes de Beauvoir e também das obras sobre ela traduzidas para o português. Em seguida foram feitas pesquisas de influência dessas obras na sociedade brasileira, em especial para os movimentos feministas e existencialistas, e também em fontes midiáticas, (jornais e revistas). A referência cronológica das pesquisas foi a data da primeira publicação de *O Segundo Sexo* no Brasil e da visita da autora ao país: 1960. Apesar de não haver, até o momento nenhum trabalho dedicado a estudar esse tema proposto, a “desnaturalização do ser mulher” de Simone de Beauvoir teve suas marcas impressas também na sociedade brasileira e esse fato é digno de atenção.

Ela, como existencialista acreditava que para se possuir liberdade é necessário possuir também muita coragem moral. Essa teoria é presente em diversos momentos do texto, porque para ela, é mais fácil para a mulher viver através dos homens, sendo sustentadas e providas por eles do que enfrentar as tensões envolvidas em assumir uma existência autêntica, especialmente em uma sociedade que não estava pronta para a mulher livre. Na introdução do primeiro volume, ela escreve:

No momento em que as mulheres começam a tomar parte na elaboração do mundo, esse mundo é ainda um mundo que pertence aos homens. Eles bem o sabem. Elas mal duvidam. Recusar ser o Outro, recusar a cumplicidade com o homem seria para elas renunciar a todas as vantagens que a aliança com a casta superior pode conferir-lhes. O homem suserano protegerá materialmente a mulher vassala e se encarregará de justificar-lhe a existência.<sup>1</sup>

A própria Simone de Beauvoir passou por inúmeras dificuldades ao assumir uma identidade própria, e não foram somente as reações de hostilidade das pessoas para com ela em lugares públicos. Quando escreveu *O Segundo Sexo* ela tomou consciência de que ela mesma vivia uma falsa liberdade, porque também se beneficiara de uma sociedade patriarcal, afinal, se ela conseguiu entrar no “universo masculino” sem muita dificuldade foi devido a sua criação burguesa, que lhe dera a oportunidade de estudar e “brincar com as idéias”.

O primeiro volume de *O Segundo Sexo* vendeu 22 mil cópias em uma semana quando foi lançado na França em 1949, números que foram ultrapassados no segundo volume. A condenação do livro pelo Vaticano, na época, atesta o impacto das 936 páginas dessa obra. Se muitas das posições assumidas por Simone de Beauvoir parecem hoje superadas, isso se deve ao mérito do próprio livro, cuja recepção ao longo de décadas efetivamente cumpriu a função de desmistificar o conceito da feminilidade.

A escritora Benoîte Groult declarou que Simone de Beauvoir foi uma mulher que não quis ter filhos, mas tem hoje, milhões de filhas pelo mundo. Beauvoir é venerada pelas feministas, que a lêem e estudam, principalmente fora da França. A *Simone de Beauvoir Society*, com sede na Califórnia, é um exemplo disso. A jornalista Bénédicte Manier constatou que, na Índia, “em todas as discussões sobre as mulheres, ao cabo de dez minutos, as indianas citam Simone de Beauvoir”.

No Brasil, a repercussão de *O Segundo Sexo* se intensificou a partir do amadurecimento intelectual e político das leitoras em relação aos movimentos feministas. O conhecimento sobre a singularidade do livro e a importância de sua autora no cenário das discussões feministas foi fortalecido na medida em que as informações chegaram às universidades e grupos de militância através das pessoas exiladas e também pela visita da autora ao Brasil em 1960.

Quando Simone de Beauvoir declarou que “não se nasce mulher, torna-se mulher”, expressou a idéia básica do feminismo: a desnaturalização do ser mulher. O feminismo fundou-se na tensão de uma identidade sexual compartilhada (mulheres),

evidenciada na anatomia, mas recortada pela diversidade de mundos sociais e culturais nos quais a mulher se torna mulher. Essa diversidade depois se formulou como identidade de gênero, inscrita na cultura.

A crítica de Beauvoir ao *modelo essencialista* da diferença sexual dos séculos XVIII e XIX passa a ser incorporada pelas teorias feministas na década de 60, abalando a universalização do modelo da dominação masculina, em que a mulher só tem lugar como objeto. Os desdobramentos deste olhar relacional sobre os gêneros, inaugurado por Beauvoir, proporcionou o surgimento na contemporaneidade de outros questionamentos, que irão propor a desconstrução da binaridade sexual.

A escrita de *O Segundo Sexo* foi uma primeira etapa de Beauvoir em direção a sua adesão ao feminismo. As reações que seu ensaio provoca, e os testemunhos de milhares de mulheres que lhe escrevem em seguida, constituem a segunda. Ela se definirá como feminista por volta dos anos 60, e seu livro, torna-se referência para o feminismo da década de 70.

Beauvoir e Sartre visitam o Brasil, durante dois meses. O convite havia sido feito por Jorge Amado e alguns intelectuais brasileiros, interessados na revolução cubana e em mostrar ao casal o que era um país subdesenvolvido. Beauvoir e Sartre viajam pelo Brasil cobrindo doze mil quilômetros, tendo Jorge Amado e Zélia Gattai como guias. No Rio de Janeiro, Simone faz uma conferência sobre a condição da mulher, enquanto Sartre fala sobre Cuba e a Argélia para salas repletas. Beauvoir e ele formam aos olhos de todos um bloco intelectual indivisível.

Em Brasília, eles são recebidos pelo presidente Kubitschek. Em São Paulo fazem uma conferência para a imprensa e concedem uma entrevista para a TV. O casal é abordado na rua, sobretudo pelos jovens, e suas fotografias podem ser vistas em todos os lugares.

Esses dados comprovam a grande relevância desse casal no Brasil. O Segundo Sexo iluminou o feminismo brasileiro a partir dos anos 70, caracterizado no início como um movimento de mulheres configurado em oposição à ditadura militar, mas que se desenvolveu, nas décadas seguintes, dentro das possibilidades e limites que se explicitaram no processo de abertura política.

Atualmente as mulheres têm “destronado o mito da feminilidade” e vêm afirmando seus lugares na sociedade como *Sujeito*, e não como *Outro*, mas não sem dificuldades. A liberdade que temos hoje foi conquistada com muita luta para que fossem quebrados os dogmas da sociedade masculina e principalmente das próprias

mulheres. Por essas dificuldades, com destaque para a segunda é que às vezes a liberdade citada acima é artificial. Muitas meninas são ainda instruídas para o casamento, e muitas mulheres abdicam de suas vidas profissionais para serem providas por seus maridos.

Beauvoir em uma entrevista extraída da *Languages at Southampton University* declarou: Assim como para os povos dominados econômica e politicamente, o desenvolvimento da revolução é muito difícil e muito lento. Primeiro, as mulheres têm que tomar consciência da dominação. Depois, elas têm de acreditar na própria capacidade de mudar a situação. Aquelas que se beneficiam de sua “colaboração” têm que compreender a natureza de sua traição. E, finalmente, aquelas que têm mais a perder por tomar posição, isto é, mulheres que buscaram uma situação confortável ou uma carreira bem-sucedida, têm que estar dispostas a arriscar sua situação de segurança — mesmo que seja apenas se expondo ao ridículo — para alcançar respeito próprio.

Bem, as mulheres conseguiram grandes feitos, e as brasileiras não foram excluídas dessas conquistas, embora ainda não seja possível dizer: “está tudo feito, não há mais nada a conquistar”. A luta das mulheres deve ser contínua, em especial com seus próprios conceitos, para que todos saibam que não há nada que justifique o conceito de que o sexo feminino é o *Segundo*.

Beauvoir deu várias declarações que mostrava saber que não estava lutando por uma causa utópica. Na conclusão do 2º volume de *O Segundo Sexo*, ela faz uma emocionante declaração:

É fácil imaginar um mundo em que homens e mulheres seriam iguais [...] As mulheres, educadas e formadas exatamente como os homens, trabalhariam em condições idênticas e por salários idênticos; a liberdade erótica seria admitida pelos costumes [...] O casamento assentaria em um compromisso livremente consentido e que os cônjuges poderiam denunciar quando o quisessem; a maternidade seria livre e dariam a todas as mães e a seus filhos os mesmos direitos, fossem as mães casadas ou não.<sup>2</sup>

E aos sessenta e sete anos ela afirmou: “Mas as mudanças pelas quais as mulheres estão lutando, essas sim, tenho certeza de que, a longo prazo, as mulheres vencerão.”<sup>3</sup>

Que a luz da obra de Beauvoir continue inspirando as sociedades femininas em todo o mundo.

## Notas:

---

<sup>1</sup> BEAUVOIR, Simone de. *O Segundo Sexo* – 1º v. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1980. Pág. 15.

<sup>2</sup> BEAUVOIR, Simone de. *O Segundo Sexo* – 2º v. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1980. Pág. 493.

<sup>3</sup> O segundo Sexo 25 anos depois. Entrevista de John Gerassi com Simone de Beauvoir. 1976. Extraído de *Languages at Southampton University*.

## Referências Bibliográficas:

### Obras de Beauvoir

- BEAUVOIR, Simone de. *O Segundo Sexo* - 2 v. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1980.
- BEAUVOIR, Simone de. *Memórias de uma moça bem comportada*. São Paulo, Difusão Européia do Livro, 1968.
- BEAUVOIR, Simone de. *Os mandarins*. São Paulo, Abril, 1974.
- BEAUVOIR, Simone de. *A convidada*. São Paulo, Círculo do Livro, 1976.
- BEAUVOIR, Simone de. *As belas imagens* – Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1990.
- BEAUVOIR, Simone de. *Cerimônia do adeus*. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1982.
- BEAUVOIR, Simone de. *Uma morte muito suave*. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1984.
- BEAUVOIR, Simone de. *A mulher desiludida*. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1990.
- BEAUVOIR, Simone de. *A velhice*. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1990.
- BEAUVOIR, Simone de. *A força da Idade*. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1989.

- 
- BEAUVOIR, Simone de. *A força das coisas*. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1995.

Obras sobre Beauvoir

- ROWLEY, Hazel. *Tête-à-Tête*. Rio de Janeiro, Objetiva, 2006.
- ROSSUM, Walter van. *Simone de Beauvoir e Jean-Paul Sartre*. Gryphus, 1998.
- APPIGNANESI, Lisa. *Simone de Beauvoir, uma biografia*. Casa-Maria Editorial/LTC Livros Técnicos e Científicos, 1988.
- SCHWARZER, Alice. *Simone de Beauvoir Hoje*. Rocco, 1983.